
Intuição, comunhão e dádiva
Intuition, Communion and Gift
Intuición, Comunción y Regalo
(conversa entre Guilherme Vaz e Luiz Guilherme Vergara)

Guilherme Vaz *, *Luiz Guilherme Vergara* **

<http://dx.doi.org/10.22409/poesis.2033.277-292>

RESUMO: Entrevista realizada com Guilherme Vaz retomando dois tópicos que alimentaram vários encontros com o artista – infinito e dádiva. Esta gravação foi feita dentro da exposição no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-RJ, 2016) – *Uma Fração do Infinito*, com curadoria de Franz Manata. No ambiente expositivo ressoava a repetição em forma de mantra de uma obra sonora que se reduz a uma frase: “ande por qualquer lugar, por qualquer distância, de qualquer maneira”. Assim, também essa frase inspirou o roteiro desta conversa que também é uma fração do infinito... começando em qualquer lugar, deixando o pensamento livre para seguir em qualquer direção e de qualquer maneira. Assim, registramos aqui a última entrevista e o registro de pensador – coiote, rompendo com o antropocentrismo e até mesmo com o artocentrismo, da savana às transbordadas onde emerge uma filosofia do pensar floresta entre artes visuais, conceituais e sonoras.

PALAVRAS-CHAVE: infinito; dádiva; silêncio; conexão improvável; comunhão

* Guilherme Vaz foi um dos pioneiros da arte conceitual no Brasil e um dos criadores da Unidade Experimental do MAM-RJ. Como artista, atuou em diferentes cenários que incluíam a música, as artes visuais e a arte sonora. Guilherme Vaz faleceu no Rio de Janeiro em 2018.

** Luiz Guilherme Vergara é professor associado do Departamento de Arte e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da UFF. É cofundador do Instituto MESA e coeditor da Revista MESA. E-mail: luizguivergara@gmail.com

ABSTRACT: Interview with Guilherme Vaz resuming two topics that fueled several encounters with the artist – infinity and gift. This recording was made inside the exhibition at the Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB RJ, 2016) – *A Fraction of Infinity*, curated by Franz Manata. In the expository environment echoed the mantra-like repetition of a sound work that is reduced to one sentence: “walk anywhere, from any distance, and anyway”. So also this phrase inspired the script of this conversation which is also a fraction of the infinite ... starting anywhere, leaving the free thought to follow in any direction and anyway. Thus we record here a last interview and recording of the thinker – coyote, breaking the anthropocentrism and even the art-centrism, from the savannah to the blurred boundaries where is emerging a philosophy of forest thinking between and beyond visual, conceptual and sound art.

KEYWORDS: infinite; gift; silence; unlikely connection; communion

RESUMEN: Entrevista con Guilherme Vaz resumiendo dos temas que alimentaron varios encuentros con el artista: el infinito y el regalo. Esta grabación se realizó dentro de la exposición en el Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-RJ, 2016) – *A fracción de infinito*, curada por Franz Manata. En el entorno expositivo se hizo eco de la repetición similar a un mantra de una obra de sonido que se reduce a una sola frase: “camina en cualquier lugar, desde cualquier distancia, y de todos modos”. Así que también esta frase inspiró el guión de esta conversación que también es una fracción del infinito... comenzando en cualquier lugar, dejando el pensamiento libre para seguir en cualquier dirección y de todos modos. Así, grabamos aquí una última entrevista y registro del pensador - coyote, rompiendo con el antropocentrismo e incluso con el artcentrismo, desde la sabana hasta los desbordes donde surge una filosofía del pensamiento forestal entre las artes visuales, conceptuales y sonoras.

PALABRAS CLAVE: infinito; regalo; el silencio; conexión improbable; comunión

Como citar: VAZ, Guilherme; VERGARA, Luiz Guilherme. Intuição, comunhão e dádiva. *Poiésis*, Niterói, v. 20, n. 33, p. 277-292, jan./jun. 2019. doi: <http://dx.doi.org/10.22409/poiesis.2033.277-292>

Intuição, comunhão e dádiva (conversa entre Guilherme Vaz e Luiz Guilherme Vergara)

Introdução

Para Guilherme Vaz, “o mundo separa e a arte une”. Assim, Vaz inventou seu caminho antropofágico entre a mais sofisticada expressão experimental da arte e sua metamorfose como pensar-intuir floresta. Daí ele também desenvolveu suas especulações filosóficas com o compromisso de gerar conexões improváveis.

Este dossiê foi, em princípio, instigado por uma indagação sobre o sentido e as reconfigurações éticas, estéticas e políticas para as escolas de arte pública e para as escolas públicas de arte diante do cenário crítico em que se encontram as universidades públicas, mas também a saúde e educação no Brasil. Daí Floresta-Escola, que remete originalmente ao *Manifesto Antropofágico* e ao poema *Pau-Brasil* de Oswald de Andrade. Mas, ao reunir as diversas vozes e experiências que compõem este dossiê, percebe-se um devir floresta de ações coletivas, multissensoriais, de convergência entre arte experimental e educação radical.

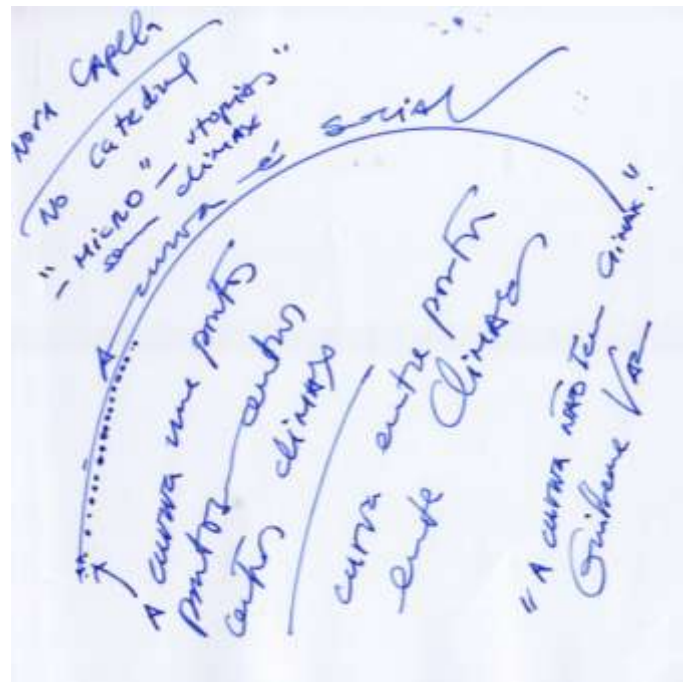


Fig. 1 - Guilherme Vaz, *A curva é social* (micro-utopias sem clímax)

Com estas polifonias abrimos a oportunidade de se ter esta pauta editorial para uma merecida homenagem a Guilherme Vaz, lembrando ainda que o MAC-Niterói foi um grande abrigo poético para o Vaz, que sempre cultivou um afeto especial em relação ao museu, como também em relação a Oscar Niemeyer, que teve sua juventude em Brasília. É também a partir do MAC-Niterói que pude conviver, compartilhar de seu estado de invenção e criação permanente.

Guilherme Vaz fez parte de vários eventos e intervenções nesse museu que também alimentava sua visão e sua atração pela condição de margem, de fora da cidade do Rio de Janeiro e de, uma certa forma, “outsider” para um artista “outsider”, com suas florestas, culturas indígenas e outras quebras antropocentristas. Pode-se chamar de espírito livre, do pensar floresta e nômade que conduziu o experimentalismo geopoético das mais diversas concepções e conexões artísticas improváveis (usando um termo seu). A conectividade improvável, experimental, amparou as formas como Vaz rompeu diferentes categorias divisórias entre as linguagens artísticas, mas também com o próprio circuito oficial das artes, inclusive sua imersão tanto com a cultura popular – “samba do Noel Rosa é mantra” – quanto com a cultura indígena. Além disso, Vaz foi conviver com diferentes tribos e viver a vida na floresta, fazendo escavações arqueológicas do universal particular em “qualquer lugar, em qualquer direção, de qualquer maneira” – mas sempre centrado no corpo como um templo acústico do silêncio de potência infinita.

Destas conversas inacabadas, foi também a partir do MAC-Niterói que Vaz lançou horizontes para uma amplitude da Arte Ação Ambiental como um programa fundamental para a geopoética e geometria intuitiva desse museu que envolvesse a transtemporalidade da Trilha de Darwin para a arte contemporânea em seu devir, outramento, floresta. A proposta de uma intervenção direta dentro da floresta pela qual Charles Darwin passou no século XIX foi realizada como uma partitura escrita e encarnada em intuições e escutas pedestres, apresentada por Vaz como um “teatro antropológico”. Nesta experiência inesquecível, tínhamos a floresta em torno como plateia e coro, vozes sutis que compunham um território multissensorial de vibrações infinitas do silêncio. Guilherme Vaz propôs então

três personagens simbólicos: O Mundo Indígena Filosófico e A Natureza, A Sociedade e O Educador.

Uma Fração do Infinito é uma obra de arte sonora empírica. É também uma homenagem a Charles Darwin na sua passagem pelo Brasil, atravessando a mesma trilha que ele atravessou. É um pequeno trabalho sobre um grande tema. É também um teatro antropológico imaginário e cinematográfico sonoro, que pretendo desenvolver. Passagens noturnas sobre o mundo dos símbolos. Suas referências estão no Mundo Indígena do Brasil, na floresta, nas formas universais da geometria a mão livre, nas pessoas mais que nos objetos. São sete pontos no infinito com uma poesia simples, mas densa como o Silêncio, e livre como o Vento. Por isso, ele é essencialmente arte contemporânea – não possui clímax, todos os seus pontos são iguais em significado. Estes são os primeiros filmados de uma série que pode ir ao infinito, como um cordão de significados livres. (VAZ, 2015)

Em especial nesta proposição foi a “filosofia e o conhecimento indígena, a condição de viver na América, com as suas qualidades de não acumular bens, respeito à natureza, despojamento, vida social harmônica, representados pelo Maracá #1 e o ator Guilherme Vaz”.

Como artista pensador, pesquisador e principalmente músico experimental, Vaz foi um agente de transformações multissensoriais no campo artístico, desde a música em sua desconstrução atonal à compreensão do silêncio – sem a qual o som não vira arte! Assim, com especulações estéticas livres seu ponto de entrada na arte contemporânea foi sempre o da ruptura para uma audição intuitiva de conectividades improváveis de quem é movido pela “savana”, como “coiote” atento para experiências de ressonâncias ambientais. A arte conceitual foi apropriada como instrumento de confluências para suas arqueologias da criação em exercícios de pré-linguagens, pré-coisas, conceitos e palavras. Escavações pré-modernas em museus e arquiteturas modernas, como fricções e intervenções sonoras em estruturas concretas do espaço. Assim, sua participação no grupo Unidade Experimental no MAM, com Cildo Meireles, Luiz Alphonsus e Frederico Moraes, antecipou pistas e enigmas anacrônicos e polifônicos da virada experimental do contemporâneo ser também social.

Esta errância é já uma homenagem a Guilherme Vaz que não prescinde da busca de uma intuição rigorosa dentro do ato de criação. O desvio – espiral que invade a escrita sobre a folha branca – é o mesmo de uma escola de arte que se projeta para fora dos muros ou dos cubos brancos e quadros-negros dos ateliês para o silêncio, a desforma, deixando acontecer as intuições do contexto. Esta escola antropofágica da incivilização na história do Brasil esteve sempre em processo de fricção desde o barroco à missão francesa. Da enunciação na poesia pau-brasil floresta-escola ao “anacronismo de uma utopia” de Mario Pedrosa (1957, in AMARAL, 1981). Esta geometria de giros, de elipses e de retornos tem a floresta presente e ressurgue constantemente como se deixar ou-vir, deixar falar (conclamação da primeira escola de samba, aqui registrado em entrevista com Daniela Name e Felipe Ferreira, e mediação da Jessica Gogan) fosse um devir intuição, comunhão e dádiva, conforme concluímos em uma última entrevista com Guilherme Vaz.

O que faz lembrar também Hélio Oiticica quando poucos meses antes de sua morte, curiosamente, junto ao cemitério do Caju, propôs o contra-bólido “*Devolver a terra a terra*” (Caju, 1979, citado em OITICICA, 1996), uma “contra-operação poética” como um programa-obra *in progress*”, cuja repetição revelaria o caráter e “concreção de obra-gênese”, a “invenção-descoberta” do *Bólido* (1963). Essa geometria do quadrado-escola se faz como moldura provisória do que se realiza como um ritual cuja culminância é a entropia, a desforma, a celebração da impermanência de todo projeto construtivista europeu nos trópicos. A floresta aqui é “invenção-descoberta” da gênese de nós-outros em completa ressonância com a Fração do Infinito de Guilherme Vaz . Mais uma vez, infinito e dádiva conjugam este programa-obra-gênese para deixar “terra sobre terra”, sugerindo também várias camadas de fricção e de anacronismo de retornos à terra, ao chão e à floresta.

Como declara Guilherme Vaz, “os grandes pensamentos têm comunhão com o mundo inteiro.” Sem dúvida, “devolver terra a terra” é um devir floresta ou uma luta planetária de total entrega de formas instituídas rígidas para a sua desforma e retorno aos ciclos de comunhão e entropia. Justamente o que se resgata pela entrevista com Guilherme Vaz como princípios de importância capitais para a arte é a “intuição que precede a comunhão e dádiva.”

Antes de entrar nesta última entrevista com Guilherme Vaz, vale lembrar uma visita ao hospital onde ele já estava em estado de extrema fragilidade e “desfazimento” ou “ocaso” (termo que Friedrich Nietzsche gostava de repetir em *Zaratustra*) de sua capacidade de expressão. Me chamou a atenção o livro *Assim falou Zaratustra*, de Nietzsche, em sua cabeceira. Ao reconhecer sua dificuldade de articular o pensamento, propus que lêssemos um trecho do livro juntos. Pedi que ele abrisse em uma página qualquer. E assim lemos alguns trechos desse impactante livro – não à toa que esse livro era também para Nietzsche uma obra de alto grau de edificação e encorajamento. E fui tocado pelas lágrimas de reconhecimento de quem está passando por sua dobradura da existência.

Muitas vezes conversamos sobre “dádiva”, não apenas a partir de Marcel Mauss, mas também de Nietzsche em *Zaratustra*. A dimensão da maior dádiva em *Zaratustra* é abordada como o dom de doar virtudes. Dessa forma fiquei extremamente impressionado por encontrar esse livro em sua cabeceira. Assim como ao rever esta entrevista, na qual começamos pelas conversas inacabadas sobre o infinito e dádiva e concluímos com a filosofia da arte a partir da intuição, comunhão e dádiva.

“Amo aquele que prodigaliza a sua alma, não quer que lhe agradeçam e nada devolve: pois é sempre dadivoso e não quer conservar-se.”
(NIETZSCHE, 2005, p. 39)



Fig. 2 – Guilherme Vaz no Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, 2016.
(Imagem: Daniel Leão)

Entrevista

Ao fundo, enquanto passavam as imagens da instalação com vídeos de Sérgio Bernardes e a repetição como mantra de uma voz feminina “ande por qualquer lugar, por qualquer distância, de qualquer maneira”, começamos a entrevista com Guilherme Vaz imprimindo um tom cerimonial - com um olhar de profunda concentração e foco.

Guilherme Vaz: Gravando aqui com Vergara. Primeiro encontro no prédio antigo do CCBB no dia de tempestade, no dia de chuva no Rio. No prédio dos mais antigos do tempo do império... a minha exposição *Fração do Infinito*. Estamos falando de dois temas: o infinito e a dádiva.

[...] Os grandes pensamentos, eles têm comunhão com o mundo inteiro. Você vê no budismo, você vê no zen budismo, no Japão, na Índia, no Brasil e no Paraguai, em qualquer lugar você vê grandes pensamentos... daí vem o inconsciente coletivo do Jung, quando ele fala que o inconsciente coletivo é o que comanda o ser humano. Então quando eu falo “ande por qualquer lugar, por qualquer distância, de qualquer maneira”, parece uma coisa indiana, mas é uma coisa brasileira.

[...] Faço questão de dizer que é uma coisa brasileira, feita no Brasil, imaginada no Brasil e realizada no Brasil, com porção brasileira. É uma condição de liberdade extrema... de conhecimento táctil, de conhecimento de pele a pele do mundo... andar em qualquer lugar, de qualquer maneira – pode andar deitado, pode andar rolando no chão, pode andar se arrastando no chão. Por qualquer lugar que invista no território onde você mora.

[...] Como se fosse um mantra. Um mantra pode haver no Brasil. O samba é um mantra. O samba do Noel Rosa é um mantra. O inconsciente coletivo. Cultura não pertence a Índia, ao Japão. Ela pertence a todos os povos... em qualquer lugar do mundo ela é uma fração do infinito. Ela pode ser feita em qualquer lugar do mundo. Ela é uma obra univer-

sal feita no Brasil. Ela é uma obra universal feita no Brasil. Posso repetir. Ela pode ser feita nas falésias das rochas japonesas. Ela pode ser feita na Sibéria. Ela pode ser feita na Bielorrússia, pode ser feita na Hungria, pode ser feita no Mediterrâneo. Ela pode ser feita no deserto do México, de Atacama, e no Brasil.

[...] Consegui conceber esta obra no contexto de criação, estava em pleno momento de criação. Eu estava em um momento de criação em Brasília. Eu estava no momento de criação em que eu estava pensando como é que uma pessoa vai se relacionar com o meio ambiente onde ela está? A partir de que? A partir de andar. Não tem um sistema... andar... aí eu fiz uma obra que se reduz a uma frase só. "Ande para qualquer lugar, por qualquer distância, por qualquer maneira".

[...] A obra se reduz a uma única frase... essa frase é a obra inteira... agora você pode realizá-la. Realizar é mais interessante... Os pontos de referências são intuições. As intuições em leituras. Eu percebi que experiências repetidas no mundo inteiro eram iguais. Eram completamente iguais e levavam a um mesmo resultado. O resultado de um conhecimento estético, conhecimento artístico, conhecimento também animal de um lugar, extremamente importante. Essas leituras foram muito importantes também.

[...] O meu pensamento sempre foi um pensamento livre. Nunca se bloqueou dentro da música ou dentro das artes visuais. Ele sempre foi livre. Nunca se bloqueou dentro de um parâmetro qualquer. Isso influenciou também muito nesta obra. Isso quero dizer claramente. Porque o silêncio, ele faz com que os elementos que estão no lugar ali perto de você se mostrem. Quando você fala, você chama a atenção para você. Você chama a atenção para o seu pensamento. Você não deixa que o que está em volta de você se mostre. Então é importante você ver o contexto. A arte evoluiu para o contexto.

[...] John Cage e Duchamp, tudo isso é contexto. [...] não é mais texto. É contexto. É contexto. Então o mundo em redor é tão importante ou mais do que o mundo vivo ou rigor [...] O silêncio é ausência do eu, ausência do artista, é o artista saindo para deixar o contexto aparecer, deixando o contexto falar, o contexto em volta dele falar. O artista falando – não vou falar mais nada. Quem vai falar é o contexto. O que está em volta dele. É

o silêncio... esse desligamento do juízo de fora é muito importante. É muito importante e causa medo naquelas pessoas que estão acostumadas a ouvir somente o juízo de fora – a música de fora e a arte de fora. A arte de fora é a arte que mais existe até hoje. Não é a arte de dentro. Eu profundo – a arte de dentro, não a arte de fora. O círculo com um ponto no centro é a arte de dentro. É o contexto de dentro para fora. Eu acho que esse é o caminho mais original e mais interessante que podemos tomar.

Luiz Guilherme Vergara: O que envolve aí – é uma intuição que permite alguém chegar aos contextos e ativar ressonâncias do contexto – então esse é quase um ouvido da intuição que vai provocar esse esvaziamento para estar pleno com aquilo que os contextos estão em ressonância. Este é um exercício que você desenvolve muito.

Guilherme Vaz: É um exercício que eu desenvolvo muito. De esvaziar para encher o vazio.

Luiz Guilherme Vergara: E transformar em som.

Guilherme Vaz: E transformar em som. O dia de liberdade poderia ser o nome de Brasília.

Luiz Guilherme Vergara: Isso poderia ser uma filosofia da música.

Guilherme Vaz: É uma filosofia da arte...

Guilherme Vaz: Então, como melhor dizer que uma filosofia da arte passa essencialmente e fundamentalmente por esse conceito de intuição. Uma intuição que implica em estar encarnado em um contexto, se esvaziar egoicamente de fórmulas, você se despe de formas. Para você poder ser um instrumento para captar as ondas sonoras, e as ondas imagéticas, as ondas que estão como se fossem intuições palpáveis de um lugar para você.

[...] Você tem toda razão. Agora você deu uma definição brilhante do artista. Deu uma definição brilhante do artista.

Luiz Guilherme Vergara: É quase como se você tivesse os Jogos de intuições palpáveis como um jogo de comunhão.

Guilherme Vaz: É um jogo de comunhão. Se não for de comunhão, não dá certo. Se não for de comunhão é estéril. Se for estéril não dá certo.

[...] O estado de comunhão é um estado muito importante – é um estado essencial da arte. É um estado de junção. A comunhão é um estado essencial da arte, estado de junção. Juntar coisas é essencial da arte...juntar coisas é essencial da arte. O mundo separa e a arte junta.... o mundo separa a arte junto... e nós vivemos nesse jogo. A arte junta coisas mais impossíveis do que você pensar que poderiam estar juntas, fazer conexões improváveis, produzir paradoxos positivos, produtivos, construtivos. Juntar significa comungar. Juntar significa comungar. Juntar é a missão essencial da arte. Juntar pessoas, juntar signos e símbolos, realidades aparentemente díspares... que depois você descobre que não são tão díspares. Que a missão essencial da arte é juntar, fazer o estado de comunhão. O estado de comunhão é a missão essencial da arte. Estado de comunhão entre x e y, entre b e d, entre a e c, entre d e e...

Luiz Guilherme Vergara: Conectividade é o estado de juntar. Então o artista ele é um conector – a arte é um lugar de conexão e, ao mesmo tempo, inaugura esse lugar.

Guilherme Vaz: Você acabou de falar uma coisa brilhante: passa a ter uma existência desde que seja conectado. Passa a ter uma existência quando está conectado. Enquanto está separado, não tem existência, não tem existência mental e nem tem existência filosófica... só passa a ter existência quando está conectado. O artista retorna ao mundo uma nova humanidade, um novo mundo, retorna ao mundo do mundo, retorna ao mundo

um novo mundo.... daí é a dádiva... um artista que não tem noção de dádiva não pode ser um grande artista...

Luiz Guilherme Vergara: Comunhão e dádiva.

Guilherme Vaz: Comunhão e dádiva. Comunhão e dádiva, chegamos aos pontos capitais nesta pequena conversa... de importância capital na arte... A comunhão e dádiva são pontos de importância capitais na arte: a dádiva porque ela retorna ao mundo, um outro mundo diferente que ele recebeu. A comunhão porque ela precede a dádiva. A intuição precede a comunhão e a dádiva... podemos criar o seguinte sistema – a intuição, a comunhão e a dádiva. Sistema metafísico da arte...

Luiz Guilherme Vergara: Você propôs metafísica, eu proporia ética.

290

Guilherme Vaz: A ética é limitante. A arte está carregada de ressentimento – o homem saiu tanto do trilho que a arte está carregada de ressentimento. A arte pertence ao plano da vida... a gratidão é a troca de desejos entre si... ela não bloqueia desejos de ninguém... Você vira eterno... a arte pertence ao plano da vida.... assim encerramos essa entrevista.

Entrevista gravada no Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, por ocasião da exposição *Guilherme Vaz - uma fração do infinito*, realizada no período de 13 de janeiro a 4 de abril de 2016 com curadoria de Franz Manata.

Vídeo (documentação e edição): Daniel Leão

UMA FRAÇÃO DO
INFINITO



Fig. 3 – Guilherme Vaz, *Uma fração do infinito*
(imagem usada no cartaz da exposição do artista no CCBB-RJ no primeiro trimestre de 2016)

Referências

VAZ, Guilherme. *Uma Fração do Infinito*. 2015. Disponível em http://institutomesa.org/RevistaMesa_2/uma-fracao-do-infinito/

PEDROSA, Mario. Anacronismo de uma utopia: reflexões em torno da Nova Capital. In AMARAL, Aracy (Org.). *Mario Pedrosa: dos murais de Portinari aos espaços de Brasília*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

OITICICA, Hélio. *Catálogo Exposição Centro de Arte Helio Oiticica*. Rio de Janeiro: Projeto Hélio Oiticica, 1996.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.